

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*

DANIEL
SILVA

A garota
inglesa

*O destino de uma única jovem pode
fazer ruir o governo de todo um país*



Uma história de **Gabriel Allon**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Mais uma vez, para minha esposa, Jamie,
e meus filhos, Lily e Nicholas

“Aquele que leva uma vida imoral tem uma morte imoral.”

PROVÉRBIO CORSO

PARTE UM

A REFÉM

1

PIANA, CÓRSEGA

Foram atrás dela no final de agosto, na Córsega. A hora exata nunca seria determinada – algum momento entre o entardecer e o meio-dia do dia seguinte foi o máximo que os funcionários da casa conseguiram determinar. Eles a viram pela última vez durante o pôr do sol, descendo a entrada da casa de campo numa lambreta vermelha, com a saia de algodão transparente esvoaçando ao redor das coxas bronzeadas. Só ao meio-dia perceberam que não estava no quarto. A cama tinha apenas um livro, lido pela metade e com cheiro de óleo de coco e um vago traço de rum. Mais 24 horas se passaram antes de ligarem para os gendarmes. Era um verão agitado e Madeline era *aquela* tipo de garota.

Tinham chegado à ilha duas semanas antes: quatro garotas bonitas e dois rapazes zelosos, todos funcionários fiéis do governo britânico ou do partido da situação. Traziam um único carro – um Renault hatch compartilhado, grande o bastante para acomodar cinco pessoas, ainda que sem conforto – e a lambreta vermelha, usada apenas por Madeline, que a conduzia com uma imprudência quase suicida. A casa ocre ficava nos limites do vilarejo, a oeste, num penhasco com vista para o mar. Era arrumada e compacta, o tipo de lugar que corretores sempre descrevem como “charmoso”, com piscina e um jardim murado repleto de arbustos de alecrim e aroeiras. Poucas horas depois de chegarem, eles já tinham se acomodado naquele estado feliz de seminudez bronzada a que os turistas britânicos aspiram, independentemente do destino de suas viagens.

Embora fosse a mais jovem do grupo, informalmente Madeline era a líder, um fardo que aceitava sem problemas. Era ela que cuidava do aluguel da casa e providenciava os longos almoços, os jantares tardios e os passeios para o interior da ilha, sempre seguindo à frente na lambreta pelas ruas traiçoeiras. Ela nem se dava o trabalho de consultar um mapa. Seu conhecimento enciclopédico da geografia, história, cultura e cozinha da Córsega fora adquirido durante o longo período de estudo e preparações intensas nas semanas anteriores à viagem. Pelo visto, Madeline não queria deixar nada ao acaso. Raramente deixava.

Ela havia entrado para o Partido em Millbank fazia dois anos, depois de se formar em Economia e Políticas Públicas na Universidade de Edimburgo. Apesar de ter cursado uma instituição de segunda categoria – a maior parte de seus

colegas vinha de escolas públicas de elite e de Oxbridge –, transitou rapidamente por uma série de cargos administrativos antes de ser promovida a diretora de Envolvimento com a Comunidade. Seu emprego, como ela frequentemente o descrevia, consistia em conseguir votos junto a classes de britânicos que não tinham nenhuma razão para apoiar o Partido, sua plataforma ou seus candidatos. Todos concordavam que não passava de um posto temporário em sua jornada para um status melhor. O futuro de Madeline era brilhante – “brilhante como uma erupção solar”, nas palavras de Pauline, que observava a ascensão da colega mais jovem com uma boa dose de inveja. Rumores insinuavam que ela era beneficiada pela influência de alguém importante no Partido. Alguém próximo ao primeiro-ministro. Talvez até mesmo o próprio. Com uma aparência de estrela de cinema, intelecto aguçado e energia inesgotável, Madeline estava sendo preparada para uma vaga no Parlamento e um ministério. Tratava-se de uma questão de tempo. Pelo menos era o que diziam.

Por tudo isso, era muito estranho que Madeline Hart fosse solteira aos 27 anos. Quando lhe perguntavam sobre sua parca vida amorosa, ela declarava que estava ocupada demais para se dedicar a um homem. Fiona, uma linda mulher com cabelos escuros e um lado ligeiramente perverso, achava a explicação duvidosa. Na verdade, até acreditava que Madeline estava sendo desonesta – sendo que desonestidade era a melhor qualidade de Fiona, por isso seu interesse pelas políticas do Partido. Para sustentar sua teoria, ressaltava que, embora se estendesse em conversas sobre qualquer assunto imaginável, a moça era excepcionalmente reservada quando se tratava da vida pessoal. Madeline se dispunha a oferecer boatos ocasionais e inofensivos sobre a infância problemática – a sombria moradia popular em Essex, o pai de quem mal se lembrava, o irmão alcoólatra que não trabalhou um dia sequer na vida –, mas todo o resto ela mantinha oculto atrás de paredes de pedra cercadas por um fosso.

– Nossa Madeline poderia ser uma assassina psicopata ou acompanhante de luxo – sugeriu Fiona –, e ninguém saberia.

Mas Alison, uma auxiliar do Ministério do Interior que sofrera diversas delusões amorosas, tinha outra teoria.

– A pobrezinha está apaixonada – declarou ela uma tarde, ao observar Madeline saindo como uma deusa do mar da pequena enseada perto da casa. – O problema é que o seu amor não é correspondido.

– E por que não? – questionou Fiona com voz sonolenta, usando uma enorme viseira.

– Talvez ele não possa corresponder.

– Casado?

- Mas é claro.
- Maldito.
- Você nunca?
- O quê, se eu já tive caso com homem casado?
- Sim.
- Só duas vezes, mas estou considerando uma terceira.
- Você vai queimar no inferno, Fi.
- Estou contando com isso.

Foi naquele momento, na tarde do sétimo dia, que, confrontados com a menor das evidências, as três garotas e os dois rapazes hospedados com Madeline Hart na casa alugada em Piana assumiram a tarefa de encontrar um namorado para ela. E não qualquer um, disse Pauline. Ele precisaria ter a idade adequada, boa aparência e estabilidade financeira e mental, ser de boa família, sem podres e outras mulheres na cama. Fiona, a mais experiente nas questões do coração, disse que era uma missão impossível.

– Esse tipo de homem não existe – explicou, com o cansaço de uma mulher que passou muito tempo buscando alguém que cumprisse esses requisitos. – E, se existir, ou está casado ou tão apaixonado por si mesmo que não vai ter tempo para a pobre Madeline.

Apesar de suas dúvidas, Fiona mergulhou de cabeça no desafio, mesmo que fosse apenas para acrescentar um pouco de fofoca ao feriado. Felizmente, não faltavam alvos potenciais, pois parecia que metade da população do sudeste da Inglaterra tinha abandonado sua ilha úmida em busca do sol da Córsega. Havia uma colônia de financistas do centro de Londres que alugavam casas luxuosas na ponta norte do golfo do Porto. E o grupo de artistas vivendo como ciganos num povoado nas colinas da Castagniccia. E a trupe de atores na beira da praia em Campomoro. E a delegação de políticos da oposição que tramavam sua volta ao poder em uma mansão no topo dos penhascos de Bonifácio. Usando o Gabinete da Grã-Bretanha como cartão de visitas, Fiona logo arranhou uma série de encontros improvisados. Em todas as ocasiões – um jantar, uma caminhada pelas montanhas ou uma tarde regada a álcool na praia –, ela enlaçava o homem que achava mais interessante e o colocava ao lado de Madeline. Mas nenhum deles conseguiu escalar seus muros, nem mesmo o jovem ator que tinha acabado de fazer uma turnê bem-sucedida como protagonista do musical mais popular da temporada do West End.

– Realmente é um caso perdido – resignou-se Fiona ao voltar para casa uma noite com todo o grupo, sempre guiado por Madeline em sua lambreta vermelha.

– Quem você acha que é? – perguntou Alison.

– Não sei – respondeu Fiona com voz arrastada, deixando transparecer inveja. – Mas deve ser alguém muito especial.

Foi naquela época, faltando pouco mais de uma semana para o retorno a Londres, que Madeline começou a passar um bom tempo sozinha. Ela saía da casa de manhã cedo, normalmente antes de os outros terem acordado, e voltava no fim da tarde. Quando lhe perguntavam sobre seu paradeiro, ela dava respostas vagas, e durante o jantar se mostrava taciturna ou inquieta. Alison temeu pelo pior: achou que o suposto amante de Madeline tivesse informado que os seus serviços não seriam mais requisitados. Mas, no dia seguinte, depois de voltarem para casa após um passeio ao shopping, Fiona e Pauline anunciaram com alegria que Alison estava enganada. Parecia que o amante de Madeline viera para a Córsega. E Fiona tinha as fotos para provar.

Ele fora visto às 13h50 no Les Palmiers, no cais Adolphe Landry, em Calvi. Madeline estava numa mesa na beira do porto e tinha a cabeça um pouco voltada para o mar, como se não estivesse ciente do homem sentado à sua frente. Usava óculos escuros grandes e um chapéu de palha para se proteger sol, com um laço preto elaborado, que projetava uma sombra sobre sua face impecável. Pauline tentou se aproximar da mesa, mas Fiona, captando a intimidade tensa da cena, sugeriu uma retirada brusca. Ela se deteve o suficiente para, disfarçadamente, tirar a primeira fotografia incriminadora com o celular. Madeline pareceu alheia à intrusão, mas o homem, não. No instante em que Fiona apertou o botão, ele virou a cabeça bruscamente, como se um instinto animal o tivesse alertado de que sua imagem estava sendo capturada eletronicamente.

Depois de fugirem para uma brasserie próxima, Fiona e Pauline examinaram com cuidado o homem na foto. Seu cabelo, louro-acinzentado, estava desganhado pelo vento e o volume exagerado lhe dava um ar quase infantil. Caindo sobre a testa, emoldurava um rosto anguloso, dominado por uma boca pequena e cruel. O traje era vagamente marítimo: calças brancas, uma camisa em tecido oxford com listras azuis, um relógio grande de mergulhador, mocassins de lona com solas que não deixariam marcas no convés de um navio. Ele era um homem desse tipo: nunca deixava marcas.

Partiram do princípio de que ele fosse inglês, embora pudesse ser alemão, escandinavo ou, talvez, especulou Pauline, um descendente de nobres poloneses. Dinheiro claramente não era problema, considerando-se a garrafa de champagne cara que suava no balde de gelo no canto da mesa. Imaginaram que sua

fortuna fora conquistada, e não herdada, mas que não seria totalmente legal. Ele seria um apostador. Teria contas bancárias na Suíça. Viajava para lugares perigosos. Procurava ser discreto. Seus afazeres, assim como os mocassins de lona, não deixavam nenhuma marca.

Mas foi Madeline que mais as intrigou. Ela já não era a garota que conheciam de Londres, nem mesmo a garota com quem estavam compartilhando uma casa nas últimas duas semanas. Parecia ter adotado uma postura completamente diferente. Era uma atriz em outro filme. Reclinadas sobre o celular como uma dupla de adolescentes, Fiona e Pauline escreveram o diálogo e acrescentaram carne e osso aos seus personagens. Na versão delas, o romance tinha começado de maneira inocente, com um encontro por acaso numa loja exclusiva na New Bond Street. O flerte havia sido longo, e a consumação, planejada com minúcias. Mas, por enquanto, o final da história era desconhecido, pois a vida real ainda estava por escrevê-lo. Ambas concordaram que seria trágico.

– É assim que histórias desse tipo *sempre* acabam – afirmou Fiona, por experiência própria. – A garota conhece o garoto. A garota se apaixona pelo garoto. A garota tem os seus sentimentos feridos e faz o possível para destruir o garoto.

Fiona tirou mais duas fotos de Madeline e seu amante naquela tarde. Uma mostrava os dois caminhando pelo cais sob o sol forte, com as mãos se tocando de leve, meio furtivas. Na outra, o casal se separava sem um beijo sequer. Após aquela cena, o homem subiu num bote Zodiac e partiu em direção ao porto. Madeline montou em sua lambreta vermelha e voltou para casa. Ao chegar, não estava mais carregando o chapéu de sol com o laço preto elaborado.

Naquela noite, ao relatar os eventos do dia, ela não mencionou a ida a Calvi, nem o almoço com o homem de aparência próspera no Les Palmiers. Fiona achou a performance impressionante.

– Nossa Madeline tem uma habilidade extraordinária para mentiras – disse ela a Pauline. – Talvez seu futuro seja tão brilhante quanto dizem. Quem sabe? Talvez ela seja primeira-ministra algum dia.

As quatro garotas bonitas e os dois rapazes zelosos da casa alugada planejaram um almoço em Porto, uma cidade próxima. Madeline fez as reservas em francês e até mesmo instou o proprietário a guardar sua melhor mesa, que ficava no terraço com vista para a parte rochosa da enseada. Imaginaram que iriam para o restaurante na caravana de sempre, mas, pouco antes das sete, Madeline declarou que estava indo a Calvi para tomar um drinque com um velho amigo de Edimburgo.

– Encontro vocês no restaurante! – gritou ela por cima do ombro, descendo a rampa. – E, pelo amor de Deus, tentem chegar na hora para variar!

Então ela se foi. Ninguém achou estranho ela não aparecer para o jantar. Nem ficaram alarmados ao acordarem e verem sua cama vazia. Era um verão agitado e Madeline era *aquela* tipo de garota.

2

CÓRSEGA - LONDRES

A polícia nacional francesa declarou oficialmente que Madeline Hart estava desaparecida às 14 horas da última sexta-feira de agosto. Depois de três dias de buscas, não descobriram nenhum vestígio dela além da lambreta vermelha, que acharam numa ravina isolada próxima ao monte Cinto, com a lanterna quebrada. No fim da semana, a polícia já tinha praticamente perdido qualquer esperança de encontrá-la com vida. Em público, insistiram que o caso consistia numa busca por uma turista britânica desaparecida. Em particular, no entanto, já procuravam seu assassino.

Não havia suspeitos além do homem com quem ela almoçara no Les Palmiers no dia de seu desaparecimento. Mas, assim como Madeline, ele parecia ter sumido da face da terra. Era um amante secreto, como Fiona e os outros desconfiavam, ou os dois teriam se conhecido havia pouco tempo, na Córsega? Ele seria inglês? Francês? Ou, nas palavras de um detetive frustrado, um alienígena de outra galáxia que tinha se desfeito em partículas e voltado para a nave espacial? A garçonete do Les Palmiers não foi de muita ajuda. Lembrava que ele conversara em inglês com a garota de chapéu, mas que fizera seu pedido num francês perfeito. O homem havia pagado a conta em dinheiro – notas novas e limpas que ele colocara na mesa como um jogador de pôquer – e dera uma generosa gorjeta, algo raro naqueles dias de crise econômica na Europa. O que mais marcara a garçonete foram as mãos dele: muito pouco pelo, nenhuma marca de sol ou cicatriz, unhas limpas. O desconhecido cuidava muito bem das unhas. Ela gostava disso num homem.

Sua fotografia foi mostrada com discrição nos bares e restaurantes mais finos da ilha, mas gerou apenas reações apáticas. Ao que tudo indicava, ninguém tinha posto os olhos nele. E, se alguém tivesse, não conseguia se recordar de seu

rosto. Era um tipo comum nas praias da Córsega no verão: bem bronzeado, óculos de sol caros e um relógio suíço de puro ouro para aumentar seu ego. Era um nada com um cartão de crédito e uma garota bonita do outro lado da mesa. Era um homem esquecido.

Talvez para os donos de lojas e restaurantes da Córsega, mas não para a polícia francesa. A imagem foi passada por todos os bancos de dados de criminosos em seu arsenal e por mais alguns. Como nenhuma busca deu frutos, os policiais debateram a possibilidade de revelar a foto para a imprensa. Algumas pessoas, especialmente nos cargos mais altos, argumentaram contra. Afinal, era possível que o pobre coitado não tivesse culpa de nada, talvez apenas de infidelidade, algo longe de ser crime na França. Mas, quando se passaram mais 72 horas sem nenhum progresso, concluíram que não havia escolha: precisariam pedir ajuda à população. Duas fotografias editadas com cuidado foram liberadas para a imprensa – uma do homem sentado no Les Palmiers; outra dele andando ao longo do cais – e, ao anoitecer, os investigadores já estavam sendo bombardeados por centenas de pistas. Rapidamente eliminaram os farsantes e os trotes e focaram recursos apenas nas que pareciam mais plausíveis. Porém, nada deu resultado. Uma semana depois do desaparecimento, o único suspeito ainda era um homem sem nome nem nacionalidade.

Apesar de a polícia não ter nada promissor, não faltavam teorias. Um grupo de detetives acreditava que o homem do Les Palmiers era um psicopata que tinha atraído Madeline para uma armadilha. Outro grupo achava que era apenas alguém no lugar errado e na hora errada. De acordo com essa hipótese, ele era casado, portanto não poderia se revelar e cooperar com a polícia. Já Madeline provavelmente teria sido vítima de um assalto que acabara mal – uma jovem andando de moto sozinha era um alvo tentador. Em algum momento o corpo apareceria. O mar o cuspiria, um alpinista o encontraria nas colinas ou um fazendeiro o desenterraria ao arar o campo. Assim eram as coisas na ilha: a Córsega sempre devolvia os seus mortos.

As falhas da polícia foram uma ocasião propícia para os ingleses criticarem os franceses. Mas, de forma geral, até mesmo os jornais simpáticos à oposição trataram o desaparecimento de Madeline como uma tragédia nacional. Sua ascensão notável, desde a moradia popular em Essex, foi narrada em detalhes, e diversos membros do Partido emitiram declarações sobre uma carreira promissora abreviada precocemente. Sua mãe chorosa e seu irmão desajeitado deram uma única entrevista para a televisão e, em seguida, desapareceram das vistas do público. O mesmo aconteceu com seus companheiros de férias na Córsega. Ao voltarem para a Inglaterra, apareceram juntos numa coletiva de imprensa no

aeroporto de Heathrow, observados por uma equipe de assessores do Partido. Posteriormente, recusaram todos os outros pedidos de entrevistas, incluindo aqueles que ofereciam pagamentos lucrativos. A cobertura não incluiu nenhum traço de escândalo. Não houve histórias sobre bebedeiras festivas, jogos sexuais ou perturbação da ordem pública, apenas a baboseira de sempre sobre os perigos enfrentados por mulheres jovens viajando em países estrangeiros. Na sede do Partido, a assessoria de imprensa se parabenizou em particular pela hábil manipulação do caso, enquanto a equipe política percebeu uma leve melhoria na aprovação do primeiro-ministro. Por trás de portas fechadas, chamaram o fenômeno de “o efeito Madeline”.

Gradualmente, as matérias sobre o destino de Madeline saíram das primeiras páginas e foram para as seções internas e, ao final de setembro, ela já tinha desaparecido dos jornais. Era outono, hora de voltar ao negócio de governar. Os desafios que a Inglaterra enfrentava eram imensos: uma economia em recessão, a zona do euro na UTI, uma lista interminável de males sociais não resolvidos que estavam destruindo a qualidade de vida no Reino Unido. Pairando sobre tudo, a perspectiva de uma eleição. O primeiro-ministro tinha dado inúmeras pistas de que haveria uma antes do fim do ano. Ele estava ciente dos riscos políticos de voltar atrás agora. Jonathan Lancaster estava à frente do governo britânico porque seu antecessor havia deixado de convocar uma eleição após meses de flerte público com a ideia. Lancaster, então líder da oposição, dissera que ele era “o Hamlet do Número 10” – em referência ao endereço da residência do primeiro-ministro – e a ferida mortal se abriu.

Isso tudo explicava por que Simon Hewitt, o diretor de comunicação do primeiro-ministro, não andava dormindo bem nos últimos tempos. O padrão de sua insônia nunca variava. Exausto pela rotina esmagadora de trabalho, adormecia rapidamente, em geral com uma pasta de arquivos sobre o peito, mas acordava duas ou três horas depois. Uma vez desperta, sua mente se acelerava. Após quatro anos no governo, ele parecia incapaz de focar nada além do negativo. Esse era o preço de ser assessor de imprensa na Downing Street. No mundo de Simon Hewitt não havia triunfos, apenas desastres e quase desastres. Como os terremotos, sua intensidade variava de pequenos tremores que mal eram sentidos a convulsões sísmicas capazes de derrubar prédios e desfazer vidas. Todos esperavam que Hewitt previsse a calamidade vindoura e, se possível, contivesse os danos. Nos últimos tempos, ele tinha chegado à conclusão de que seu trabalho era impossível. Nos momentos mais sombrios, essa constatação lhe dava um pouquinho de consolo.

Ele já fora um homem de reputação. Como colunista-chefe de política do

Times, Hewitt havia sido uma das pessoas mais influentes do gabinete, no Palácio de Whitehall. Com poucas palavras de sua característica prosa afiada, podia condenar uma política governamental, assim como a carreira do ministro responsável por apresentá-la. O poder de Hewitt se tornou tão grande que nenhum governo tomava uma decisão importante sem consultá-lo. E nenhum político que aspirasse a um futuro melhor pensaria em concorrer a um posto de liderança em algum partido sem garantir o apoio de Hewitt. Foi o que fez Jonathan Lancaster, um ex-advogado do centro financeiro londrino, egresso de um distrito parlamentar do subúrbio. No início, Hewitt não lhe deu muita importância: era muito polido, bem-apegoado e elitista para ser levado a sério. Mas, com o passar do tempo, ele passou a considerar Lancaster um competente homem de ideias que queria reconstruir seu partido moribundo para, então, reconstruir o país. Hewitt se surpreendeu ao perceber que realmente *gostava* de Lancaster, o que nunca era um bom sinal. À medida que o relacionamento progrediu, os dois passaram menos tempo focando sobre as maquinações políticas de Whitehall e mais discutindo como consertar a sociedade britânica. Na noite da eleição, quando Lancaster conquistou a vitória com a maior margem de apoio do Parlamento daquela geração, Hewitt foi uma das primeiras pessoas para quem ele ligou.

– Simon – disse, com sua voz sedutora. – Eu preciso de você, Simon. Não posso fazer isso sozinho.

Àquela altura, Hewitt já tinha escrito com fervor sobre as perspectivas de sucesso de Lancaster, sabendo muito bem que, em alguns dias, estaria trabalhando para ele na Downing Street.

Agora, Hewitt abriu os olhos lentamente e fitou com desprezo o relógio ao lado da cama. Os dígitos brilhantes indicavam que eram 3h42, como se estivessem zombando dele. Ao lado do relógio estavam três celulares, todos com a bateria carregada para o ataque da mídia do dia seguinte. Ele gostaria de poder recarregar as próprias baterias com a mesma facilidade, mas, àquela altura, não havia sono ou sol tropical que pudesse reparar o dano que ele infligira ao seu corpo de meia-idade. Olhou para Emma. Como sempre, ela estava dormindo profundamente. Em outros tempos, Hewitt poderia ter pensado em um jeito lascivo de acordá-la, mas isso já não era mais possível; sua cama conjugal havia se tornado uma lareira apagada e congelada. Por um breve período, Emma fora seduzida pelo glamour do emprego dele, mas depois passou a se ressentir da devoção servil do marido a Lancaster. Ela encarava o primeiro-ministro quase como um rival sexual, e seu ódio atingira um fervor irracional.

– Você é duas vezes melhor que ele, Simon – comentara Emma na noite

anterior antes de lhe dar um beijo frio na bochecha caída. – Ainda assim, por alguma razão, você sente a necessidade de fazer o papel de criado. Talvez algum dia possa me dizer por quê.

Hewitt sabia que o sono não voltaria, não agora; então ficou acordado na cama e escutou a sequência de sons que sinalizavam o começo de seu dia. O baque dos jornais matinais na porta. O gorgolejo da máquina de café automática. O ronronar de um sedã do governo na rua, embaixo de sua janela. Levantando-se com cuidado para não acordar Emma, vestiu o roupão e desceu até a cozinha. A cafeteira sibilava raivosamente. Hewitt preparou uma xícara sem açúcar, pelo bem de sua cintura em expansão, e a levou para o hall. Uma rajada de vento úmido o saudou quando ele abriu a porta. A pilha de jornais estava envolta em plástico sobre o tapete de boas-vindas ao lado de uma panela de barro com gerânios mortos. Ao se curvar, viu mais uma coisa: um envelope de papel pardo bem selado, sem nada escrito. Soube na mesma hora que não tinha vindo da sede do governo, pois ninguém de sua equipe se atreveria a deixar nem o mais trivial documento ali na soleira. Portanto, deveria ser algo não solicitado. Isso não era incomum; os velhos colegas da imprensa conheciam seu endereço em Hampstead e sempre lhe deixavam encomendas. Pequenos presentes por uma informação vazada no momento certo. Discursos agressivos referentes a alguma desfeita percebida. Um rumor perverso sensível demais para ser transmitido por e-mail. Hewitt fazia questão de ficar em dia com a fofoca de Whitehall. Sendo ex-repórter, sabia que o que era dito pelas costas de um homem costumava ser muito mais importante que o que era escrito sobre ele nas primeiras páginas.

Hewitt cutucou o envelope com o dedão para ver se não continha fios ou baterias, então o colocou em cima dos jornais e voltou para a cozinha. Depois de ligar a televisão e baixar o volume até um sussurro, tirou os jornais do plástico e passou os olhos pelas primeiras páginas. Estavam dominadas pela proposta de Lancaster para tornar a indústria britânica mais competitiva com uma diminuição das taxas de juros. Como já era de esperar, o *Guardian* e o *Independent* estavam horrorizados, mas, graças aos esforços de Hewitt, a maior parte das matérias era positiva. As outras notícias de Whitehall eram misericordiosamente benignas. Nenhum terremoto. Nem mesmo tremores.

Depois de passar pelos chamados jornais de maior prestígio, Hewitt deu uma lida rápida nos tabloides, que considerava um termômetro mais confiável da opinião pública britânica do que qualquer enquete. Em seguida, servindo-se de mais café, abriu o envelope anônimo. Dentro, havia três itens: um DVD, uma única folha de papel A4 e uma fotografia.

– Merda – praguejou Hewitt, baixinho. – Merda, merda, merda.

O que aconteceu depois passaria a ser fonte de muita especulação. Para Simon Hewitt, um ex-jornalista político que deveria ter sido mais sensato, não faltaram recriminações. Em vez de contatar a polícia metropolitana londrina, como exigia a lei inglesa, ele carregou o envelope até o escritório na Downing Street, número 12. Depois de conduzir a reunião habitual das oito horas, durante a qual não mencionou os itens, Hewitt os mostrou para Jeremy Fallon, conselheiro político de Lancaster e o chefe de gabinete mais poderoso da história inglesa. Suas responsabilidades oficiais incluíam planejamento estratégico e coordenação de políticas dos diversos departamentos do governo, o que lhe permitia meter o nariz em qualquer questão de seu interesse. A imprensa frequentemente se referia a ele como o “cérebro de Lancaster”, um título que agradava a Fallon e gerava ressentimento em Lancaster.

A reação de Fallon diferiu apenas na escolha do palavrão. Seu primeiro instinto foi levar na mesma hora o material para Lancaster, mas, como era quarta-feira, esperou até o chefe sobreviver à batalha de gladiadores conhecida como Perguntas ao Primeiro-Ministro. Em nenhum momento da reunião, Lancaster, Hewitt ou Jeremy Fallon sugeriram passar o material para as autoridades competentes. Os três concordaram que precisavam de uma pessoa discreta e habilidosa, à qual, acima de tudo, poderiam confiar a proteção dos interesses do primeiro-ministro. Fallon e Hewitt pediram uma lista de candidatos a Lancaster, que deu apenas um nome. Havia uma relação familiar e, o mais importante, uma dívida não paga. Lealdade contava muito em tempos assim, disse o primeiro-ministro, mas influência era algo muito mais eficiente.

Isso explica o convite sutil feito por Downing Street a Graham Seymour, o vice-diretor de longa data do Serviço de Segurança britânico, também conhecido como MI5. Muito tempo depois, Seymour descreveria o encontro – realizado na sala de reuniões diante de um retrato carrancudo da baronesa Thatcher – como o mais difícil da carreira. Concordou em ajudar o primeiro-ministro sem hesitação, pois era isso que um homem como ele fazia em circunstâncias daquele tipo. Ainda assim, deixou claro que, caso seu envolvimento algum dia se tornasse público, destruiria o responsável.

Ficou em aberto apenas a identidade do agente que conduziria a busca. Assim como Lancaster, Graham tinha apenas um candidato. Ele não compartilhou o nome com o primeiro-ministro. Em vez disso, usando fundos de uma das várias contas operacionais secretas do MI5, reservou um assento num voo da

British Airways daquela tarde com destino a Tel Aviv. Enquanto o avião decolava, Graham ponderou a melhor abordagem. Lealdade contava muito em tempos assim, mas influência era algo bem mais eficiente.

3

JERUSALÉM

No coração de Jerusalém, não muito longe do Ben Yehuda Mall, ficava a silenciosa e arborizada rua Narkiss. O prédio no número 16 era pequeno, com apenas três andares, parcialmente oculto por um robusto muro de pedra calcária e um imenso eucalipto crescendo no jardim da frente. O apartamento no terceiro andar era igual aos outros, exceto pelo fato de já ter pertencido ao serviço secreto de inteligência do Estado de Israel. Tinha uma sala de estar espaçosa, uma cozinha bem-arranjada cheia de eletrodomésticos modernos, uma sala de jantar formal e dois quartos. O quarto menor, reservado para uma criança, fora penosamente convertido num estúdio artístico. Mas Gabriel ainda preferia trabalhar na sala de estar, onde a brisa fresca que vinha da varanda ajudava a dissipar o cheiro forte dos solventes.

No momento, ele estava usando uma solução, preparada com cuidado, de acetona, álcool e água destilada, que aprendera a fazer em Veneza com o mestre restaurador de arte Umberto Conti. A mistura era forte o bastante para dissolver contaminações na superfície e o verniz velho, mas não chegava a prejudicar as pinceladas originais do artista. Gabriel umedeceu um cotonete feito à mão na solução e o girou delicadamente sobre o peito empinado de Suzana. Ela olhava em outra direção, banhando-se, e mal parecia ciente dos dois anciãos lascivos da aldeia que a espiavam de trás do muro do jardim. Gabriel tinha uma atitude protetora em relação a mulheres e desejava poder intervir, poupando-a do trauma por vir: as falsas acusações, o julgamento, a sentença de morte. Em vez disso, continuou o serviço e observou a pele amarelada dela adquirir um tom branco luminoso.

Quando o cotonete já estava imundo, Gabriel o colocou num frasco hermético para reter os vapores. Enquanto preparava outro, seus olhos se moveram lentamente pela superfície da pintura. Até aquele momento, a obra era atribuída apenas a um discípulo de Ticiano. Mas o proprietário atual da tela, o renomado

negociante de arte Julian Isherwood, acreditava que a tela tinha vindo do estúdio de Jacopo Bassano. Gabriel concordava – na verdade, agora que expusera um pouco da pincelada, viu evidências do próprio mestre, especialmente na imagem de Suzana. Ele conhecia bem o estilo do pintor, pois havia estudado bastante suas pinturas e passara vários meses em Zurique restaurando uma tela importante de Bassano para um colecionador particular. Na última noite de sua estadia, matara um homem chamado Ali Abdel Hamidi num beco úmido perto do rio, um líder terrorista palestino com um bocado de sangue israelense nas mãos, que estava se passando por dramaturgo. Gabriel lhe dera uma morte digna de suas pretensões literárias.

Ele umedeceu o novo cotonete no solvente, mas, antes de dar continuidade ao trabalho, escutou o ronco familiar do motor de um carro pesado na rua. Foi à varanda para confirmar suas suspeitas e, então, abriu a porta da frente uns 2 centímetros. Um instante depois, Ari Shamron já estava empoleirado num banquinho de madeira ao lado de Gabriel. Vestia calça cáqui, camisa de oxford branca e uma jaqueta de couro com um rasgo no ombro esquerdo. Seus óculos feios refletiam a luz das lâmpadas de halogênio que Gabriel usava para trabalhar. Seu rosto, com rugas e sulcos profundos, estava travado numa expressão de puro desgosto.

– Eu senti o cheiro desses produtos químicos assim que saí do carro. Imagino o estrago que eles provocaram ao seu corpo depois de todos esses anos.

– Tenho certeza que não é nada comparado ao dano que você provocou – retrucou Gabriel. – Estou surpreso por eu ainda ser capaz de segurar um pincel.

Gabriel tocou o cotonete umedecido na pele de Suzana e o girou devagar. Shamron consultou seu relógio de aço inoxidável e franziu a testa, como se houvesse algo errado.

– O que foi? – perguntou Gabriel.

– Estou só imaginando quanto tempo vai levar até você me oferecer uma xícara de café.

– Você sabe onde fica tudo. Agora você praticamente mora aqui.

Shamron resmungou alguma coisa em polonês sobre a ingratidão das crianças. Em seguida, ergueu-se do banco com um impulso e, apoiando-se pesadamente na bengala, foi até a cozinha. Conseguiu encher a chaleira com água da torneira, mas pareceu perplexo com os diversos botões do fogão. Por duas vezes, Ari Shamron havia sido diretor do serviço secreto de inteligência de Israel e, antes disso, fora um dos oficiais mais condecorados do mesmo serviço. Agora, contudo, já velho, parecia incapaz de realizar as tarefas caseiras mais básicas. Cafeteiras, liquidificadores, torradeiras, todos esses utensílios eram um mistério

para ele. Gilah, sua esposa resignada, costumava brincar que, se o grande Ari Shamron fosse deixado sozinho, seria capaz de morrer de fome numa cozinha cheia de comida.

Gabriel acendeu o fôgão e voltou ao trabalho. Shamron ficou parado no vão das portas da varanda, fumando. O fedor do tabaco turco logo prevaleceu sobre o odor do solvente.

– Isso é mesmo necessário? – questionou Gabriel.

– É.

– O que está fazendo em Jerusalém?

– O primeiro-ministro queria dar uma palavra.

– Sério?

Shamron olhou para Gabriel de cara fechada através da cortina de fumaça cinza-azulada.

– Por que um pedido do primeiro-ministro para me ver surpreenderia você?

– Porque...

– Eu sou velho e irrelevante? – completou Shamron.

– Você é exagerado, impaciente e às vezes irracional. Mas você nunca foi irrelevante.

Shamron assentiu. A idade havia lhe dado a habilidade de, pelo menos, perceber suas falhas, apesar de ter roubado o tempo necessário para que ele pudesse remediá-las.

– Como ele está? – perguntou Gabriel.

– Como você pode imaginar.

– Sobre o que vocês conversaram?

– Nossa conversa foi abrangente e franca.

– Isso quer dizer que vocês gritaram um com o outro?

– Eu só gritei com um primeiro-ministro.

– Qual? – indagou Gabriel, realmente curioso.

– Golda. Foi depois de Munique. Eu lhe disse que precisávamos mudar as nossas táticas, aterrorizar os terroristas. Dei a ela uma lista de nomes de homens que deviam morrer. Golda não queria saber daquilo.

– Então você gritou com ela?

– Não foi meu melhor momento.

– O que ela fez?

– Gritou também, claro. Mas, no fim das contas, compreendeu meu raciocínio. Então, montei outra lista de nomes, dos jovens de quem eu precisava para realizar a operação. Todos concordaram sem hesitar. – Shamron fez uma pausa, em seguida acrescentou: – Todos menos um.

Em silêncio, Gabriel guardou o cotonete sujo no frasco hermético, que reteve os gases tóxicos do solvente, mas não a memória de seu primeiro encontro com o homem que eles chamavam de *Memuneh*, a pessoa encarregada. Ocorrera a poucas centenas de metros de onde ele estava agora, no campus da Academia Bezalel de Artes e Design. Gabriel tinha acabado de assistir a uma palestra sobre as pinturas de Viktor Frankel, o renomado expressionista alemão que também era seu avô materno. Shamron esperava por ele na beira de um pátio ensolarado, um homem baixo e esguio, com óculos escuros tenebrosos e dentes afiados, que lembravam uma armadilha de aço. Como sempre, estava bem preparado. Sabia que a mãe de Gabriel, uma artista talentosa, tinha sobrevivido ao campo de concentração em Birkenau, mas que não conseguira derrotar o câncer que devastara seu corpo. Também sabia que a língua materna de Gabriel era o alemão e que esse ainda era o idioma no qual ele sonhava. Todas as informações estavam na pasta que Shamron segurava com dedos manchados de nicotina.

– A operação será chamada Ira de Deus – explicou ele. – Não se trata de justiça. Trata-se de vingança, pura e simplesmente. Queremos vingar as onze vidas inocentes perdidas em Munique.

Gabriel disse a Shamron para procurar outra pessoa.

– Eu não quero outra pessoa. Eu quero você.

Pelos três anos seguintes, Gabriel e os outros agentes da Ira de Deus seguiram suas presas pela Europa e pelo Oriente Médio. Carregando uma Beretta calibre 22, uma arma discreta, adequada para matar de perto, Gabriel assassinou seis membros do Setembro Negro. Sempre que possível, atirava onze vezes, uma bala para cada israelense massacrado em Munique. Quando finalmente voltou para casa, o cabelo ao redor de suas têmporas estava grisalho e seu rosto era o de um homem vinte anos mais velho. Incapaz de produzir trabalhos de arte originais, ele foi a Veneza para estudar restauração. Então, depois de repousar, voltou a trabalhar para Shamron. Nos anos que se seguiram, desempenhou algumas das operações mais fabulosas na história da inteligência israelense. Agora, após muitos anos peregrinando incansavelmente, voltara para Jerusalém. Ninguém ficou mais satisfeito do que Shamron, que amava Gabriel como um filho e tratava o apartamento na rua Narkiss como se fosse o seu próprio. Em outros tempos, talvez Gabriel tivesse se irritado com a presença constante de Shamron, mas agora isso não o incomodava. O Velho era eterno, mas o corpo em que seu espírito residia não duraria para sempre.

Nada havia prejudicado mais a saúde de Shamron do que o implacável tabagismo. Fora um hábito adquirido na juventude, no leste da Polônia, e que

piorara depois de sua ida à Palestina, onde lutou na guerra que levou à independência de Israel. Agora, enquanto descrevia a reunião com o primeiro-ministro, ele abriu seu velho isqueiro Zippo e o usou para acender mais um cigarro fétido.

– O primeiro-ministro está inquieto, mais do que o normal. Imagino que ele tenha esse direito. O grande Despertar Árabe levou a região toda ao caos. E os iranianos estão cada vez mais perto de realizarem seus sonhos nucleares. Em breve, vão entrar numa zona de imunidade, impossibilitando uma ação militar nossa sem a ajuda dos americanos. – Shamron fechou o isqueiro com um estalo e olhou para Gabriel, que tinha voltado a trabalhar na pintura. – Você está me ouvindo?

– Cada palavra.

– Prove.

Gabriel repetiu a última declaração de Shamron palavra por palavra. Shamron sorriu. Ele considerava a memória impecável de Gabriel uma de suas melhores virtudes. Girou o Zippo entre os dedos. Duas voltas para a direita, duas para a esquerda.

– O problema é que o presidente americano não quer demarcar um limite inflexível. Ele diz que não vai permitir que os iranianos construam armas nucleares. Mas não faz diferença nenhuma dizer isso se os iranianos têm a *capacidade* de construí-las num curto período de tempo.

– Como os japoneses.

– Os japoneses não são governados por xiitas apocalípticos. Se o presidente americano não tomar cuidado, suas duas conquistas mais relevantes na política externa serão um Irã nuclear e a restauração do califado islâmico.

– Bem-vindo ao mundo pós-americano, Ari.

– E é por isso que eu acho uma estupidez deixar nossa segurança nas mãos deles. Mas esse não é o único problema do primeiro-ministro. Os generais não têm certeza se podem destruir o suficiente do programa para fazer com que um ataque militar seja eficiente. E o King Saul Boulevard, liderado por seu amigo Uzi Navot, está dizendo ao primeiro-ministro que uma guerra unilateral contra os persas seria uma catástrofe de proporções bíblicas.

O King Saul Boulevard era o endereço do serviço secreto de inteligência israelense no exterior. O nome longo e propositalmente enganoso tinha muito pouco a ver com a verdadeira natureza de suas atividades. Até mesmo agentes aposentados como Gabriel e Shamron se referiam à instalação apenas como “o Escritório”.

– Uzi é que vê a realidade nua e crua todos os dias – falou Gabriel.

– Eu vejo também... Não tudo – acrescentou Shamron às pressas –, mas o bastante para me convencer de que os cálculos de Uzi sobre quanto tempo nós temos podem estar errados.

– Matemática nunca foi o ponto forte de Uzi. Mas, quando estava em campo, ele nunca errava.

– Isso porque ele raramente se colocava numa posição em que fosse possível cometer um erro. – Shamron parou de falar, observando o vento mover o eucalipto além do parapeito da varanda de Gabriel. – Eu sempre disse que uma carreira sem controvérsias não é uma carreira de verdade. Tive o meu quinhão, e você também.

– E tenho as cicatrizes para provar.

– E os louros também – completou Shamron. – O primeiro-ministro está preocupado com a possibilidade de o Escritório ser cauteloso demais quando se trata do Irã. Sim, nós inserimos vírus em seus computadores e eliminamos um punhado de cientistas, mas faz um tempinho que nada explode. O primeiro-ministro gostaria que Uzi orquestrasse outra Operação Obra-Prima.

Obra-Prima era o codinome de uma operação conjunta israelense, americana e britânica que resultara na destruição de quatro instalações iranianas secretas de enriquecimento de urânio. Tinha ocorrido durante o comando de Uzi Navot, mas dentro dos corredores do King Saul Boulevard era considerada uma das maiores conquistas de Gabriel.

– Oportunidades como a Obra-Prima não aparecem todo dia, Ari.

– Isso é verdade – admitiu Shamron. – Mas sempre acreditei que a maioria das oportunidades são conquistadas, e não ganhas. O primeiro-ministro compartilha dessa opinião.

– Ele perdeu a confiança em Uzi?

– Ainda não. Mas queria saber se eu tinha perdido.

– O que você disse?

– Que escolha eu tinha? Fui eu que o recomendei para o cargo.

– Então você o apoiou?

– Com um porém.

– Qual?

– Eu lembrei ao primeiro-ministro que a pessoa que eu *realmente* queria para o trabalho não estava interessada. – Shamron balançou a cabeça devagar.

– Você é o único homem na história do Escritório que recusou uma chance de ser diretor.

– Sempre há uma primeira vez, Ari.

– Isso significa que você poderia reconsiderar?

- É por isso que você está aqui?
 - Pensei que você fosse apreciar minha companhia. Eu e o primeiro-ministro estávamos nos perguntando se você estaria disposto a ajudar um dos nossos aliados mais próximos.
 - Qual?
 - Graham Seymour veio para a cidade sem aviso prévio. Ele gostaria de uma conversa.
- Gabriel se virou para encarar Shamron.
- Sobre o quê? – perguntou depois de um instante.
 - Ele não disse, mas acho que é urgente. – Shamron foi até o cavalete e observou o pedaço límpido de tela no qual Gabriel estava trabalhando. – Parece até que a pintura é recente.
 - Esse é o objetivo.
 - Alguma chance de você fazer o mesmo por mim?
 - Desculpe, Ari – respondeu Gabriel, tocando a bochecha enrugada de Shamron –, mas temo que você esteja além de qualquer restauração.

4

KING DAVID HOTEL, JERUSALÉM

Na tarde de 22 de julho de 1946, o grupo sionista extremista conhecido como Irgun detonou uma grande bomba no King David Hotel, sede de todas as forças militares e civis da Inglaterra na Palestina. O ataque era uma retaliação pela prisão de centenas de combatentes judeus e matou 91 pessoas, incluindo 28 ingleses que ignoraram um telefonema alertando-os para evacuar o hotel. Embora condenado universalmente, o bombardeio logo se provou um dos atos de violência política mais eficientes já cometidos. Passados dois anos, os ingleses saíram da Palestina, e o Estado moderno de Israel, outrora um sonho sionista quase inimaginável, tornou-se realidade.

Entre os afortunados que sobreviveram ao bombardeio estava um jovem agente da inteligência britânica chamado Arthur Seymour, um veterano do programa de guerra Double Cross que tinha sido transferido recentemente para a Palestina com a função de espionar os movimentos de resistência judeus. Era para Seymour estar em seu escritório no momento do ataque, mas ele atrasou

alguns minutos depois de uma reunião com um informante na Cidade Antiga. Ouviu a detonação enquanto passava pelo Portão de Jaffa e, horrorizado, contemplou parte do hotel desmoronar. A imagem assombraria Seymour pelo resto da vida e moldaria os rumos de sua carreira. Anti-israelense virulento e fluente em árabe, ele forjou laços desconfortavelmente próximos com muitos inimigos de Israel. Com frequência, era convidado do presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, e admirador precoce de um jovem revolucionário palestino chamado Yasser Arafat.

Apesar de suas tendências pró-árabes, o Escritório considerou Arthur Seymour um dos oficiais mais competentes do MI6 no Oriente Médio. Por isso, houve certa surpresa quando o único filho de Arthur, Graham, optou por uma carreira no MI5 em vez do mais glamoroso Serviço Secreto de Inteligência. Seymour, o Jovem – como era conhecido no início da carreira –, serviu primeiro na contrainteligência, operando contra a KGB em Londres. Então, após a queda do Muro de Berlim e com a ascensão do fanatismo islâmico, foi promovido a chefe de contraterrorismo. Agora, como vice-diretor do MI5, era forçado a aplicar sua experiência em ambas as disciplinas. Atualmente, havia mais espões russos operando em Londres do que no auge da Guerra Fria. E, graças aos erros de sucessivos governos britânicos, o Reino Unido abrigava milhares de militantes muçulmanos do mundo árabe e da Ásia. Seymour chamava Londres de “Kandahar no Tâmis”. Intimamente, temia que seu país estivesse escorregando cada vez mais na direção de um abismo civilizacional.

Embora tivesse herdado a paixão do pai pela espionagem, Graham Seymour não compartilhava de forma alguma seu desdém por Israel. De fato, sob sua condução, o MI5 havia se aproximado do Escritório e, em especial, de Gabriel Allon. Os dois se consideravam membros de uma irmandade secreta que fazia as tarefas desagradáveis que ninguém mais estava disposto a fazer, deixando para se preocupar com as consequências depois. Tinham lutado um pelo outro, sangrado um pelo outro e, em alguns casos, matado um pelo outro. Eram tão próximos quanto dois espões de serviços opostos poderiam ser, o que significava que tinham uma leve desconfiança mútua.

– Alguém no hotel não sabe quem você é? – perguntou Seymour, dando um aperto de mão em Gabriel como se o estivesse encontrando pela primeira vez.

– A garota na recepção perguntou se eu estava aqui para o bar mitzvah dos Greenbergs.

Seymour abriu um sorriso discreto. Com sua aparência vigorosa e queixo robusto, parecia o arquétipo de um barão colonial britânico, um homem que decidia questões importantes e nunca servia o próprio chá.

– Dentro ou fora? – perguntou Gabriel.

– Fora – respondeu Seymour.

Eles ocuparam uma mesa no terraço, Gabriel voltado para o hotel e Seymour de frente para os muros da Cidade Antiga. Agora era a calma entre o café da manhã e o almoço; haviam passado poucos minutos das onze horas. Gabriel só tomou café, mas Seymour pediu bastante comida. Sua esposa era uma cozinheira entusiástica, mas pavorosa. Para Seymour, comida de avião era um mimo, e um brunch de hotel, mesmo feito na cozinha do King David, era uma ocasião a ser apreciada. O mesmo valia, pelo visto, para a vista da Cidade Antiga.

– Talvez você ache difícil de acreditar – disse ele entre as mordidas na omelete –, mas esta é a minha primeira visita ao seu país.

– Eu sei. Está tudo no seu arquivo.

– É uma leitura interessante?

– Tenho certeza de que não deve ser nada em comparação com o que seu serviço tem sobre mim.

– Como poderia se comparar? Não passo de um humilde lacaios do Serviço Secreto de Sua Majestade. Você, por outro lado, é uma lenda. Afinal – acrescentou Seymour, falando mais baixo –, quantos agentes de inteligência podem dizer que pouparam o mundo de um apocalipse?

Gabriel olhou por cima do ombro e fitou o Domo da Rocha, o terceiro lugar mais sagrado do Islã, resplandecente sob a luz cristalina do sol de Jerusalém. Cinco meses antes, numa câmara secreta 50 metros abaixo da superfície do Monte do Templo, ele havia descoberto uma bomba que, caso fosse detonada, derrubaria todo o platô. Também encontrara 22 pilares do Templo de Jerusalém do rei Salomão, provando que o antigo santuário judeu descrito no Livro de Reis e de Crônicas tinha de fato existido. Embora o nome de Gabriel não tivesse aparecido na cobertura de imprensa da monumental revelação, seu envolvimento era bem conhecido em certos círculos da comunidade ocidental de inteligência. Também se sabia que seu amigo mais próximo, Eli Lavon, renomado arqueólogo bíblico e agente do Escritório, quase morrera tentando salvar os pilares da destruição.

– Foi uma sorte dos diabos aquela bomba não ter explodido – comentou Seymour. – Se tivesse, milhões de muçulmanos chegariam às suas fronteiras numa questão de horas. E depois... – A voz de Seymour se perdeu.

– Seria o fim do jogo para o empreendimento conhecido como Estado de Israel – completou Gabriel. – Esse era exatamente o objetivo dos iranianos e de seus amigos do Hezbollah.

– Não consigo imaginar como foi ter visto aqueles pilares pela primeira vez.

– Para ser sincero, Graham, não tive tempo para saborear o momento. Estava ocupado demais tentando manter Eli vivo.

– Como ele está?

– Passou dois meses no hospital, mas está quase cem por cento. Na verdade, até voltou a trabalhar.

– Para o Escritório?

Gabriel balançou a cabeça.

– Ele está escavando o Túnel do Muro das Lamentações de novo. Posso providenciar uma visita guiada, se você quiser. Aliás, se tiver interesse, posso mostrar a passagem secreta que leva direto ao Monte do Templo.

– Não sei se meu governo aprovaria. – Seymour ficou em silêncio enquanto um garçom enchia suas xícaras de café. Então, quando estavam a sós novamente, continuou: – Então o rumor é verdadeiro, afinal.

– Que rumor?

– De que o filho pródigo enfim voltou para casa. É engraçado – acrescentou ele, com um sorriso triste –, mas eu sempre imaginei que você passaria o resto da vida caminhando pelos penhascos da Cornualha.

– É um lugar lindo, Graham. Mas a Inglaterra é a sua casa, não a minha.

– Às vezes sinto que não parece mais ser a minha casa. Helen e eu compramos uma casa em Portugal há pouco tempo. Em breve vou ser um exilado, assim como você foi.

– *Sério?*

– Não é nada iminente. Mas, no fim, todas as coisas boas devem terminar.

– Você teve uma grande carreira, Graham.

– Tive? É difícil mensurar o sucesso no campo da segurança, não é? Somos julgados com base em coisas que *não* acontecem: os segredos que *não* são roubados, os edifícios que *não* explodem. Pode ser uma forma profundamente insatisfatória de se ganhar a vida.

– O que você vai fazer em Portugal?

– Helen vai tentar me envenenar com a sua culinária exótica e eu vou pintar paisagens terríveis de aquarela.

– Nunca soube que você pintava.

– Por uma boa razão. – Seymour observou a paisagem e franziu a testa, como se aquilo estivesse muito além do alcance de seu pincel e sua paleta. – Meu pai estaria se revirando no túmulo se soubesse que estou aqui.

– Então *por que* você está aqui?

– Estava me perguntando se você se disporia a encontrar algo para um amigo meu.

– O amigo tem um nome?

Em vez de responder, Seymour abriu a maleta e pegou uma fotografia ampliada, passando-a para Gabriel. Mostrava uma jovem atraente que olhava direto para a câmera, segurando uma edição do *International Herald Tribune* de três dias antes.

– Madeline Hart? – perguntou Gabriel.

Seymour assentiu. Então, passou uma folha A4 para Gabriel. Continha uma única frase, escrita em uma fonte sem serifa:

Em sete dias a garota morre.

– Merda – praguejou Gabriel baixinho.

– Receio que fique ainda melhor.

Por coincidência, a administração do King David colocou Graham Seymour, o único filho de Arthur Seymour, na mesma ala do hotel que fora destruída em 1946. Seymour ficou no mesmo corredor do quarto que seu pai tinha usado como escritório no fim do mandato britânico na Palestina. Ao chegar, eles depararam com o aviso de NÃO PERTURBE pendurado na maçaneta, além de uma embalagem plástica contendo o *Jerusalem Post* e o *Haaretz*. Seymour conduziu Gabriel para dentro. Ao verificar que ninguém havia entrado no quarto durante sua ausência, pôs um DVD para ser reproduzido no laptop. Poucos segundos depois, Madeline Hart, cidadã britânica desaparecida e funcionária do partido da situação na Inglaterra, apareceu na tela.

“Eu tive relações sexuais com o primeiro-ministro Jonathan Lancaster pela primeira vez na conferência do Partido em Manchester, em outubro de 2012...”

5

KING DAVID HOTEL, JERUSALÉM

○ vídeo tinha sete minutos e doze segundos de duração. O tempo todo, Madeline manteve os olhos focados num ponto ligeiramente à esquerda da câmera, como se respondesse a perguntas feitas por um entrevistador de

televisão. Relutante, assustada e exausta, descreveu como tinha conhecido o primeiro-ministro durante uma de suas visitas à sede do Partido em Millbank. Lancaster havia expressado admiração pelo trabalho de Madeline e, em duas ocasiões, convidou-a para a sede do governo, a fim de receber informações diretamente dela. No fim da segunda visita, ele admitiu que seu interesse em Madeline não era apenas profissional. O primeiro encontro sexual foi bem rápido, num quarto de hotel em Manchester. Depois disso, ela passou a ser levada à Downing Street por um velho amigo do primeiro-ministro, sempre que Diana Lancaster estivesse fora de Londres.

– E agora – falou Seymour, melancólico, enquanto a tela do computador escurecia – o primeiro-ministro do Reino Unido está sendo punido por seus pecados com uma tentativa primitiva de chantagem.

– Não há nada de primitivo nisso, Graham. Quem está por trás disso sabia que o primeiro-ministro estava envolvido num caso extraconjugal. E conseguiu fazer sua amante desaparecer da Córsega sem deixar rastros. É óbvio que se trata de alguém extremamente sofisticado.

Seymour tirou o DVD do computador sem dizer nada.

– Quem mais sabe?

Seymour explicou que os três itens – a fotografia, o bilhete e o DVD – haviam sido deixados na manhã anterior em frente à porta de Simon Hewitt, que os levava até a Downing Street e os mostrara para Jeremy Fallon. Também contou que Hewitt e Fallon confrontaram Lancaster em seu escritório na sede. Gabriel, que havia residido pouco tempo antes no Reino Unido, conhecia bem os envolvidos: Hewitt, Fallon, Lancaster, a santíssima trindade da política britânica. Hewitt era especialista em usar a mídia a favor do governo, Fallon era o mestre maquinador e estrategista, e Lancaster era o talento político em pessoa.

– Por que Lancaster escolheu você? – perguntou Gabriel.

– Nossos pais trabalharam juntos no serviço de inteligência.

– Com certeza há mais alguma razão.

– De fato – admitiu Seymour. – Seu nome é Siddiq Hussein.

– Acho que não conheço.

– Por uma boa razão. Graças a mim, Siddiq desapareceu num buraco negro vários anos atrás, para nunca mais ser visto.

– Quem era ele?

– Siddiq Hussein, nascido no Paquistão, era um residente de Tower Hamlets no leste de Londres. Ele apareceu nos nossos radares depois dos bombardeios de 2007, quando finalmente tomamos juízo e começamos a tirar os muçulmanos radicais das ruas. Você se lembra daqueles dias – disse Seymour com amargura.

– Os dias em que a esquerda e a mídia insistiram que deveríamos fazer algo a respeito dos terroristas entre nós.

– Continue, Graham.

– Siddiq estava convivendo com extremistas conhecidos na grande mesquita do leste de Londres e o número do seu celular aparecia em todos os lugares errados. Eu dei uma cópia dos arquivos dele para a Scotland Yard, mas o Comando de Contraterrorismo disse que não havia evidência suficiente para agir contra ele. Então Siddiq fez algo que me deu uma oportunidade de cuidar do problema pessoalmente.

– O que ele fez?

– Agendou um voo para o Paquistão.

– Grande erro.

– Fatal, na verdade – falou Seymour, sombrio.

– O que aconteceu?

– Nós o seguimos até Heathrow e garantimos que ele subisse em seu avião para Karachi. Em seguida, fiz uma ligação discreta para um velho amigo em Langley, Virgínia. Acho que você o conhece bem.

– Adrian Carter.

Seymour assentiu. Adrian Carter era o diretor do Serviço Clandestino Nacional. Ele supervisionava a guerra global da CIA contra o terrorismo, incluindo os programas outrora secretos para deter e interrogar agentes de alto nível.

– A equipe de Carter observou Siddiq em Karachi por três dias – continuou Seymour. – Então cobriram sua cabeça com um saco e o colocaram no primeiro voo clandestino para fora do país.

– Para onde eles o levaram?

– Cabul.

– Para a prisão de Salt Pit?

Seymour aquiesceu devagar.

– Quando tempo ele durou?

– Isso depende de para quem você perguntar. De acordo com o relato da Agência, Siddiq foi encontrado morto em sua cela dez dias depois de chegar a Cabul. Sua família alegou num processo que ele morreu durante a tortura.

– O que isso tem a ver com o primeiro-ministro?

– Quando os advogados que representavam a família de Siddiq pediram todos os documentos do MI5 referentes ao caso, o governo de Lancaster se recusou a atendê-los, alegando que isso prejudicaria a segurança nacional britânica. Ele salvou a minha carreira.

– E agora você quer quitar essa dívida tentando salvar o pescoço dele? – Como

Seymour não respondeu, Gabriel acrescentou: – Isso vai acabar mal, Graham. E, quando acabar, seu nome vai aparecer com destaque no inevitável inquérito.

– Eu deixei claro que, se isso acontecer, vou levar todo mundo junto, incluindo Lancaster.

– Nunca tomei você por uma pessoa ingênua, Graham.

– Sou tudo menos isso.

– Então se afaste. Volte para Londres e diga ao primeiro-ministro para aparecer diante das câmeras com a esposa ao lado, fazendo um apelo público para que os sequestradores soltem a garota.

– É tarde demais para isso. Além do mais, talvez eu seja um pouco antiquado, mas não gosto quando as pessoas tentam chantagear o líder do meu país.

– O líder do seu país sabe que você está em Jerusalém?

– Você só pode estar brincando.

– Por que eu?

– Porque, se o MI5 ou qualquer serviço de inteligência tentar encontrá-la, o caso vai vaziar, assim como o de Siddiq Hussein vazou. E você é bom em encontrar coisas – continuou Seymour, falando baixo. – Pilares antigos, Rembrandts roubados, instalações iranianas secretas de enriquecimento.

– Desculpe, Graham, mas...

– E porque você também deve uma a Lancaster.

– Eu?

– Quem você acha que autorizou sua estadia na Cornualha com um nome falso quando nenhum outro país o aceitaria? E quem você pensa que o deixou recrutar uma jornalista britânica quando precisava penetrar na cadeia de fornecimento iraniana?

– Não sabia que estávamos contando pontos, Graham.

– Não estamos. Mas, se estivéssemos, você certamente estaria perdendo a partida.

Os dois caíram num silêncio desconfortável, como se estivessem constrangidos pelo tom do debate. Seymour olhou para o teto, e Gabriel para o bilhete.

Em sete dias a garota morre...

– Um tanto vago, não acha?

– Mas muito eficiente – afirmou Seymour. – Atraiu a atenção de Lancaster.

– Nenhuma exigência?

Seymour balançou a cabeça.

– É óbvio que eles querem revelar seu preço no último minuto. E querem que Lancaster esteja desesperado para salvar a própria pele, pronto a concordar em pagar qualquer coisa.

– Quanto o seu primeiro-ministro vale?
– Na última vez que dei uma olhadinha em suas contas bancárias – respondeu Seymour jocosamente –, ele tinha mais de 100 milhões.

– De libras?

Seymour assentiu.

– Jonathan Lancaster fez milhões no centro financeiro londrino, ganhou uma herança milionária e casou-se com a igualmente milionária Diana Baldwin. Ele é um alvo perfeito, um homem com mais dinheiro do que precisa e com muito a perder. Diana e as crianças vivem na bolha de segurança da Downing Street, logo seria quase impossível sequestrá-las. Mas a amante de Lancaster... – A voz de Seymour se perdeu. – Uma amante é algo completamente diferente.

– Imagino que Lancaster não tenha comentado sobre isso com a esposa.

Seymour fez um gesto com as mãos indicando que não tinha acesso ao funcionamento interno do casamento de Lancaster.

– Você já trabalhou com um caso de sequestro, Graham?

– Nenhum desde a Irlanda do Norte. E aqueles foram todos relacionados ao IRA.

– Sequestros políticos são diferentes de sequestros criminais – explicou Gabriel. – O sequestrador político comum é um sujeito racional. Ele quer que companheiros sejam soltos ou que uma política seja modificada, então agarra um político importante ou um ônibus escolar cheio de crianças e os mantém como reféns até que suas demandas sejam cumpridas. Mas o sequestrador criminoso só quer dinheiro. E, se você paga, faz com que ele queira *mais* dinheiro. Então ele fica pedindo dinheiro até achar que não sobrou mais nada.

– Então acho que nos resta apenas uma opção.

– Qual?

– Encontrar a garota.

Gabriel foi até a janela e olhou para além do vale, na direção do Monte do Templo. Por um segundo, ele se viu de volta à caverna secreta 50 metros abaixo da superfície, segurando Eli Lavon enquanto seu sangue era bombeado para o coração da montanha sagrada. Durante as longas noites que passou ao lado de Lavon no leito de hospital, Gabriel jurou que nunca poria os pés de novo no campo de batalha do serviço secreto. Mas agora um velho amigo havia surgido das profundezas de seu passado emaranhado para pedir um favor. E mais uma vez Gabriel estava se esforçando para encontrar as palavras que o mandariam embora de mãos vazias. Como filho único de sobreviventes do Holocausto, desapontar outras pessoas não estava em sua natureza. Ele fazia concessões e raramente dizia não.

– Mesmo se eu for capaz de encontrá-la – disse ele depois de um tempo –, os sequestradores ainda vão ter o vídeo da confissão dela.

– Mas o vídeo terá um impacto bem diferente se a rosa inglesa estiver sã e salva em solo britânico.

– A menos que a rosa inglesa decida contar a verdade.

– Ela é leal ao Partido. Não se atreveria.

– Você não tem ideia do que eles fizeram com ela – retrucou Gabriel. – A esta altura, pode ser uma pessoa completamente diferente.

– É verdade. Mas estamos nos precipitando. Esta conversa é inútil se você e seu serviço não empreenderem uma operação para encontrar Madeline Hart.

– Eu não tenho autoridade para colocar meu serviço à sua disposição, Graham. A decisão é do Uzi, não minha.

– Uzi já autorizou – respondeu Seymour sem emoção. – Assim como Shamron.

Gabriel encarou Seymour com desaprovação, mas não disse nada.

– Você realmente acha que Ari Shamron teria me deixado chegar a menos de um quilômetro de você sem saber que eu estava na cidade? – questionou Seymour. – Ele é muito protetor quando se trata de você.

– Ele tem um jeito engraçado de demonstrar isso. Mas receio que ainda exista uma pessoa em Israel mais poderosa do que Shamron, pelo menos no que diz respeito a mim.

– Sua esposa?

Gabriel assentiu.

– Em sete dias a garota morre.

– Seis dias – corrigiu Gabriel. – A garota pode estar em qualquer lugar do mundo e não temos uma única pista.

– Isso não é exatamente verdade.

Seymour enfiou a mão na maleta e pegou duas fotografias da Interpol do homem com quem Madeline Hart tinha almoçado na tarde em que desaparecera. O homem cujos sapatos não deixavam marcas. O homem esquecido.

– Quem é ele? – perguntou Gabriel.

– Boa pergunta. Mas, se você puder encontrá-lo, suspeito que encontre Madeline Hart.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br